

Índice

Prefácio de Vladimir Nabokov	7
A Metamorfose	61

I

Certa manhã, ao acordar de sonhos agitados, Gregor Samsa viu-se, em cima da cama, metamorfoseado num bicho desconforme. Estava deitado sobre as costas duras como uma couraça e, erguendo um pouco a cabeça, via o ventre abaulado, castanho, riscado por nervuras em forma de arco, em cujo cimo o edredão, prestes a escorregar por completo, quase se não segurava. As suas muitas pernas, que, em comparação com a envergadura geral do corpo, eram lastimosamente delgadas, tremeluziam-lhe, incapazes, em frente dos olhos.

“Que foi que me aconteceu?”, pensou. Não era um sonho. O seu quarto, um quarto de gente, a preceito, apenas um pouco pequeno de mais, ali estava tranquilo entre as quatro paredes bem familiares. Sobre a mesa, em cima da qual se espalhava uma colecção desempacotada de amostras de tecidos — Samsa era caixeiro-viajante —, estava pendurada a fotografia que, recentemente, recortara de uma revista ilustrada e pusera numa moldura bonita, dourada. Mostrava uma senhora que, aprestada com um chapéu e uma estola de pele, se sentava muito direita, erguendo para o observador um pesado regalo de pele em que todo o antebraço desaparecia.

O olhar de Gregor dirigiu-se então para a janela, e o tempo encoberto — ouvia-se gotas de chuva a bater na

chapa de zinco da janela — encheu-o de melancolia. “E se dormisse ainda mais um pouco e esquecesse estas tolices todas”, pensou, contudo, isto era perfeitamente impraticável, já que estava habituado a dormir virado para o lado direito, mas, no seu estado actual, não conseguia pôr-se nessa posição. Por mais força que fizesse a atirar-se para o lado direito, regressava sempre à posição de costas, num movimento de balouço. Tentou umas boas cem vezes, fechou os olhos, para não ter de ver as pernas a debaterem-se, e só desistiu quando começou a sentir no flanco uma dor leve, abafada, que ainda nunca experimentara.

“Santo Deus”, pensou, “que profissão mais cansativa fui escolher! Dia após dia em viagem. Sofre-se muito mais sobressaltos a fazer negócio do que na loja propriamente dita e, além disso, ainda tenho de padecer este flagelo das viagens, as preocupações com as ligações dos comboios, a comida a desoras, de má qualidade, um relacionamento com as pessoas sempre a mudar, que nunca é duradouro, que nunca se torna cordial. Diabos levem isto tudo!” Sentiu uma ligeira comichão em cima, na barriga; arrastou-se devagar, de costas, para mais perto da coluna da cama, para poder erguer melhor a cabeça; encontrou o sítio onde tinha comichão, o qual estava cheio de pontinhos brancos que não foi capaz de saber o que eram; e tentou apalpar aquele sítio com uma perna, mas recolheu-a logo, pois o toque provocou-lhe calafrios.

Deixou-se escorregar de novo para a posição anterior. “Isto de levantar tão cedo”, pensou, “põe uma pessoa completamente zozna. O sono faz mesmo muita falta. Há caixeiros-viajantes que vivem como odaliscas. Quando, por exemplo, regresso à pensão a meio da manhã para passar a limpo as encomendas que recebi, estes cavalheiros ainda só estão a tomar o pequeno-almoço. Havia de tentar fazer isso com o meu patrão: ia logo para o olho da rua. Aliás, quem sabe se isso não seria muito bom para mim. Se não me con-

tivesse por causa dos meus pais, há muito me teria despedido, tinha ido ter com o patrão e dizia-lhe o que me vai na cabeça sem papas na língua. De certeza que caía da escrivaninha abaixo. Também, é um hábito esquisito, sentar-se na escrivaninha e falar lá do alto com o empregado, que, ainda por cima, tem de se aproximar ao máximo, por causa da surdez do patrão. Bem, a esperança ainda não está totalmente perdida; mal tenha juntado dinheiro que chegue para pagar o que os pais lhe devem — ainda deve demorar cinco a seis anos —, de certeza absoluta que dou esse passo. Nessa altura, não vou estar com contemplanções. Por ora, tenho é de levantar-me da cama, que o meu comboio parte às cinco.”

E olhou para o despertador, que fazia tiquetaque em cima do armário em frente. “Deus do Céu!”, pensou. Eram seis e meia e os ponteiros avançavam calmamente, até já passava das seis e meia, já pouco faltava para as sete menos um quarto. Seria que o despertador não tocara? Via-se da cama que estava posto correctamente para as quatro; de certeza que tocara. Mas seria possível continuar a dormir sossegado com aquele toque que fazia abanar a mobília? Bem, era verdade que não tivera um sono tranquilo, provavelmente por isso mesmo, porém, fora mais pesado. Mas que havia de fazer agora? O comboio seguinte partia às sete horas; para o apanhar, teria de apressar-se loucamente, e a colecção ainda não estava emalada, e ele próprio nem por sombras se sentia especialmente fresco e ágil. E, mesmo que apanhasse o comboio, não havia maneira de evitar uma tempestade de fúria do patrão, pois o pacote da loja estivera à espera no comboio das cinco horas e havia muito que transmitira a notícia de que ele não aparecera. Era um apaniguado do patrão, sem espinha dorsal e sem tino. E se desse parte de doente? Mas isso seria extremamente embaraçoso e suspeito, já que, nos seus cinco anos de serviço, nem uma única vez estivera doente. De certeza que o patrão apareceria com o médico da

Caixa de Providência, culparia os pais por aquele filho mandrião e afastaria todas as objecções remetendo para o médico, para quem a única coisa que existe são pessoas perfeitamente saudáveis, mas com pouca vontade de trabalhar. E, de resto, teria assim tão pouca razão neste caso? De facto, Gregor sentia-se perfeitamente bem, tirando uma sonolência que, depois de um sono tão longo, era, verdadeiramente, escusada, e tinha até uma fome devoradora.

Estava ele a ponderar tudo isto na maior das pressas, sem conseguir decidir-se a sair da cama — o despertador marcava, precisamente, as sete menos um quarto —, quando bateram ao de leve à porta do lado da cabeceira. “Gregor”, chamavam — era a mãe —, “são sete menos um quarto. Tu não ias de viagem?” Que voz meiga! Gregor assustou-se ao ouvir a voz em que respondeu, que não deixava, inconfundivelmente, de ser a sua voz anterior, mas na qual, como que vindo de baixo, se mesclava um chio impossível de evitar, doloroso, que, literalmente, só no primeiro momento deixava as palavras em toda a sua nitidez, para, ao reverberar, as destruir de tal maneira que não se sabia se se tinha ouvido bem. Gregor tivera a intenção de responder em pormenor e de explicar tudo, mas, nestas circunstâncias, limitou-se a dizer: “Sim, sim, obrigado, mãe, vou já levantar-me.” Devido à porta de madeira, a modificação da voz de Gregor certamente não se notava lá fora, uma vez que a mãe ficou sossegada com esta explicação e foi-se embora a arrastar os pés. Mas a pequena conversa chamara a atenção dos outros membros da família para o facto de, contra o que era de esperar, Gregor ainda estar em casa, e já o pai batia à porta lateral, com pouca força, mas com o punho. “Gregor, Gregor”, gritou ele, “mas que se passa?” E, ao fim de um bocadinho, voltou a chamar, em tom de repreensão, com voz mais grave: “Gregor! Gregor!” Mas, na porta do outro lado, lamuriava-se a irmã baixinho: “Gregor? Não te sentes bem?”

Precisas de alguma coisa?” Gregor respondeu para ambos os lados: “Já estou pronto”, esforçando-se, com uma pronúncia extremamente cuidada e a introdução de longas pausas entre cada palavra, por que não se notasse nada na voz. O pai regressou sem mais ao seu pequeno-almoço, mas a irmã sussurrou: “Gregor, abre a porta, peço-te.” Gregor, porém, não tinha a menor intenção de abrir, antes se congratulava com a precaução, a que se habituara nas viagens, de, à noite, fechar todas as portas à chave, mesmo em casa.

Primeiro, queria levantar-se da cama em paz e sossego, vestir-se e, sobretudo, tomar o pequeno-almoço, e só depois pensar no resto, já que, como bem notava, na cama, as suas reflexões não levariam a nenhuma conclusão sensata. Recordava-se de já de vez em quando ter sentido na cama uma ou outra dor ligeira, talvez provocada por estar deitado em má posição, a qual, depois, ao levantar-se, se percebia não ser mais do que uma ilusão, e estava com curiosidade de ver como as suas fantasias de hoje iriam dissipar-se pouco a pouco. Não tinha a mínima dúvida de que a modificação da voz não passava do prenúncio de uma constipação das valentes, uma doença profissional dos caixeiros-viajantes.

Afastar o edredão foi extremamente simples; bastou-lhe encher um pouco os pulmões e ele caiu sozinho. Mas, a seguir, tudo se tornou difícil, especialmente por ser tão desmedidamente largo. Teria precisado de braços e mãos para se endireitar; em vez disso, porém, só tinha aquela quantidade de perninhas, que estavam ininterruptamente a fazer os mais diversos movimentos e que, ainda por cima, não conseguia controlar. Se queria dobrar uma, a primeira coisa que acontecia era ela esticar-se; e, quando, finalmente, conseguia fazer com essa perna o que queria, as outras, entretanto, funcionavam como que em roda livre, numa excitação enorme e dolorosa. “O que não posso é deixar-me ficar na cama sem fazer nada”, disse Gregor de si para si.